

“Esqueletos” custam caro

A busca do país pelos dólares do exterior tem sido tão intensa, que a dívida de longo prazo do setor privado cresceu 42,3% em apenas um ano. Do fim de 1995 ao fim de 1996, pulou de US\$ 37,9 bilhões para US\$ 53,9 bilhões. “O País está se endividando, mas não está gerando produção nem excedentes exportáveis que permitam pagar a dívida no futuro”, alerta o deputado Delfim Netto (PPS-SP).

A dívida interna também não deverá parar de crescer. Pelo contrário. Tudo indica que vai aumentar, apesar do processo de privatização. Além dos juros altos, o estoque cresce por causa do reconhecimento de dívidas antigas da União, batizadas pela equipe econômica de “esqueletos”. Segundo levantamento preliminar da Secretaria de Política Econômica do Ministério da Fazenda, esses “esqueletos” chegam a R\$ 60 bilhões. O estudo

mostra que, para manter a dívida estável em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) e assumir apenas uma parte desses “esqueletos”, o governo precisaria gerar um superávit primário adicional de R\$ 1,8 bilhão, equivalente a 0,22% do PIB, além do 1,5% do PIB já anunciado pela equipe econômica.

O documento prevê que o governo pagará este ano R\$ 950 milhões em juros com a rolagem da dívida de R\$ 7,5 bilhões dos agricultores, cerca de R\$ 400 milhões para o Fundo de Compensação das Variações Salariais (FCVS), e outros R\$ 500 milhões pela dívida de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Essa seria a parcela de “esqueletos” reconhecida em 1997. Preocupada com o crescimento da dívida, a equipe decidiu que os “esqueletos” não serão contabilizados de uma só vez. O pagamento será feito na proporção dos recursos recebidos com as privatizações.